

Guião para investigação sobre aquisição da morfologia no Português Europeu*

Marta Alexandre

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

1. Introdução

O conhecimento do processo de aquisição linguística da criança pode ser um desafio recompensador e, ao mesmo tempo, uma tarefa tantálica para o investigador que procura descrever e explicar o conhecimento linguístico do adulto. Isto porque ora parece esclarecer alguns segredos da complexa capacidade linguística do adulto, permitindo observar como se chega ao conhecimento total de regras e estruturas linguísticas, ora levanta questões que conferem a esse conhecimento uma complexidade acrescida, motivando o debate acerca da natureza do processo de desenvolvimento e agitando, por vezes, os fundamentos dos modelos teóricos edificados sobre a gramática do adulto.

Embora sejam mais numerosos os estudos sobre a aquisição da fonologia e da sintaxe, quando o investigador procura saber qual a natureza do conhecimento linguístico de que a criança dispõe e de que modo este se encontra organizado, a sua pesquisa deve igualmente procurar os dados do conhecimento morfológico da criança. No caso da aquisição da morfologia do Português Europeu (PE), porém, a ausência de estudos relevantes é flagrante. E, sabendo que o conhecimento morfológico da criança não se reduz ao uso de diminutivos ou ao conhecimento, muitas vezes bastante tardio, da flexão verbal, procurou-se definir uma possível escala de desenvolvimento linguístico morfológico para o PE. Mas a tarefa prévia de organizar conceitos, comparar metodologias e reunir dúvidas afigurou-se, afinal, como um verdadeiro trabalho de pesquisa e assim surgiu a ideia de elaborar um roteiro para uma futura investigação sobre a aquisição da morfologia no PE.

Espera-se que o guião apresentado reúna informação relevante e seja como que um primeiro passo para futuros estudos sobre aquisição da morfologia do PE.

No presente trabalho reflecte-se sobre os princípios e as metodologias das actuais investigações sobre aquisição, sendo apresentada uma introdução ao estudo da aquisição

* O presente artigo é versão resumida do trabalho apresentado. A versão original está disponível para consulta on-line no sítio: http://www.fl.ul.pt/pessoais/a_villalva/GTM/guiao/intro.htm.

Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2003, pp. 707-717.

da morfologia. E, sabendo que, em pesquisa científica, a pergunta é muitas vezes mais importante do que a resposta, formulam-se algumas perguntas que, dada a escassa investigação realizada até hoje, estão ainda à procura de resposta. Dada a natureza desta apresentação, não há conclusões a registar.

Agradeço à Prof. Doutora Alina Villalva a leitura e os comentários críticos às versões anteriores do texto, bem como o apoio disponibilizado, sem os quais não conseguiria ter acabado este trabalho. Todos os erros e omissões são da minha responsabilidade.

2. Metodologia

Tanto quanto se conseguiu apurar, os trabalhos de investigação sobre a aquisição da morfologia não são muito numerosos, e os que dizem respeito à aquisição da morfologia do PE são praticamente inexistentes. Assim, optou-se por repertoriar, dentro dos estudos a que se teve acesso directo, e para além dos estudos sobre morfologia, monografias sobre outros domínios da gramática, de modo a identificar metodologias de trabalho e processos de investigação auxiliares. Registaram-se ainda várias monografias consideradas relevantes, embora não tenha sido possível lê-las, parcial ou totalmente.

Como fonte principal para o estudo da aquisição da morfologia levou-se em linha de conta os trabalhos de Ève Vivienne Clark, dedicados a este tema, dada a relevância dos seus contributos. Entre estes destaca-se a pesquisa sobre a aquisição de palavras derivadas do Inglês e, em particular, sobre a produtividade de alguns sufixos, pesquisa que serviu de ponto de partida para o levantamento de algumas questões teóricas. A bibliografia dos seus trabalhos ajudou a enriquecer o acervo bibliográfico que aqui se apresenta.

Por outro lado, a pesquisa na internet revelou-se muito frutuosa, na medida em que permitiu consultar estudos que ainda não foram publicados e aceder a referências bibliográficas que, de outra forma, não estariam acessíveis.

Consultaram-se ainda investigadores que actualmente trabalham nesta área, como a Prof.^a Doutora Maria João Freitas (DLGR-FLUL), a quem se agradecem as pistas fornecidas, e o Professor Harald Clahsen (da Universidade de Essex), cujas indicações foram importantes para a delimitação deste trabalho.

3. Aquisição em geral

O saber linguístico nativo da criança tem vindo a ser estudado de diversas formas ao longo dos últimos cento e cinquenta anos: desde os estudos diarísticos (sobretudo entre finais do séc. XIX e meados do séc. XX)¹, baseados na observação e no contacto quotidiana-

¹ Veja-se o registo de **Charles Darwin** (1877), A bibliographical sketch of an infant, *Mind* 2, 285-294; e os estudos de **C. Stern** e **W. Stern** (1907), *Die Kindersprache: Eine psychologische und sprachtheoretische Untersuchung*, Leipzig: Barth; ou de **Hanna Neugebauer-Kostenblut**: (1914), Sprachliche Eigenbildungen meines Sohnes, *Zeitschrift für Kinderforschung* 19, 174-181, 242-246, 362-370; (1916), Die ersten Wortbedeutungen, die Entwicklung der Wortarten und des Satzes bei meinem Sohn Rafael, *Zeitschrift für Kinderforschung* 21, 158-165; (1917), Wie sich mein Sohn bis zum Alter von 3 ½ Jahren zu den Dingen, Tieren und Pflanzen der Umwelt stellte, *Zeitschrift für Kinderforschung* 22, 65-92.

no, até às actuais pesquisas linguísticas e psicolinguísticas que recorrem a métodos experimentais mais sofisticados². Entre estas, e partindo das questões mais básicas sobre a aquisição de língua materna, o investigador depara-se com a necessidade de fazer grandes opções quanto ao seu trabalho. No que diz respeito ao objecto de estudo, pode, em termos gerais, (i) observar os diversos estímulos linguísticos que rodeiam a criança (as produções que são dirigidas à criança e as que o não são), procurando determinar as características dos elementos linguísticos a que a criança tem acesso, i.e., as pistas envolvidas no processo de *bootstrapping*, (ii) recolher as produções de fala espontânea da criança, escrutinando as evidências de progressão linguística, ou (iii) submeter a criança a experiências de eliciação.

Dependendo das crianças observadas e do tipo de recolha efectuada, o investigador pode optar entre (i) fazer um estudo longitudinal com dados de uma única criança, (ii) fazer um estudo transversal com dados de duas ou mais crianças de diferentes idades ou (iii) fazer um estudo longitudinal e transversal com dados de duas ou mais crianças com diferentes idades. A escolha das crianças pode ter como critério a idade ou estádios de desenvolvimento gramatical como, por exemplo, a extensão média dos enunciados (referenciado como MLU, Mean Length Utterance, na terminologia anglófona).

Considerando a natureza dos dados linguísticos, o investigador terá três alternativas principais, a saber: (i) os dados da produção, (ii) os dados da compreensão e (iii) os dados das tarefas de decisão. No caso da produção os dados podem ser resultado de tarefas de eliciação ou recolhidos da fala espontânea. Embora não seja este o lugar para discutir todas as implicações das opções metodológicas, é importante salientar que os dados da fala espontânea só são úteis quando a recolha é sistemática (cf. McDaniel, McKee e Cairns 1998: 4) e são os únicos a permitir um estudo longitudinal, uma vez que as tarefas de eliciação não podem ser repetidas durante muito tempo (cf. Crain e Thornton 1998: 142). Por sua vez, a eliciação permite um maior controlo sobre as variáveis, um maior domínio sobre o estudo, reduzindo as dificuldades de interpretação, embora tenha maior potencial de desmotivação ou cansaço para a criança. Quanto aos dados das tarefas de decisão têm a inconveniência de envolverem factores subjectivos, quer na produção dos enunciados estímulo, quer na interpretação das respostas aos mesmos (cf. McDaniel, McKee e Cairns 1998: 224, 251-3).

Como é óbvio, qualquer opção terá de ser justificada não só pela natureza da hipótese teórica, mas sobretudo pelo modelo teórico em que esta se enquadra. O investigador deve ainda prever até que ponto a metodologia escolhida poderá influenciar os resultados obtidos, sendo, portanto, imprescindível dar conta da diversidade e das limitações dos meios disponíveis e assegurar o controlo metodológico na implementação do desenho experimental (v. McDaniel, McKee e Cairns 1998).

² Embora os seus contributos se enquadrem no estudo sobre a aquisição da sintaxe, McDaniel, McKee e Cairns (1998) e Crain e Thornton (1998) oferecem uma panorâmica detalhada sobre algumas das metodologias actualmente mais utilizadas no estudo do conhecimento linguístico das crianças.

4. Aquisição da morfologia

São poucos os estudos sobre morfologia do Português Europeu (PE), encontrando-se apenas algumas referências subsidiárias a este domínio em estudos sobre outras áreas. O mesmo não sucede, porém, com os estudos sobre a aquisição da morfologia do Português Brasileiro (PB), como se pode constatar na presente pesquisa.

Tanto no caso do PB, como no do Russo ou do Inglês, o estudo da aquisição da morfologia tem-se debruçado predominantemente sobre a flexão nominal em número, as 'irregularidades' da flexão verbal e a criação de novas palavras pelo processo de composição. Mas, à medida que os estudos da aquisição da sintaxe e da fonologia solicitam mais informação sobre o domínio morfológico do conhecimento linguístico e que as metodologias permitem que os dados recolhidos por um investigador estejam posteriormente acessíveis a outros (como é o caso da base de dados do CHILDES), parece haver tendência para o estudo da aquisição deste domínio em particular se expandir.

O trabalho de Eve V. Clark, cuja importância já foi referida, tem-se manifestado em inúmeros estudos publicados ao longo das décadas de oitenta e noventa do século passado (cf. Clark 1981, 1982, 1985, 1993, 1995, 1998). Eve Clark estuda principalmente a manifestação do processamento morfológico na produção e na compreensão de palavras derivadas e de palavras compostas por parte de crianças em fase de aquisição do Inglês como língua materna. E, dada a relevância dos seus contributos, vale a pena destacar algumas das suas principais conclusões.

O principal destaque dos seus estudos vai para a influência que certas propriedades do conhecimento morfológico do adulto têm no desempenho morfológico da criança. Eve Clark explica que é a produtividade de um processo morfológico como, por exemplo, a nominalização pelo sufixo *-er*, no caso do Inglês, que determina a sua emergência como uma das primeiras formas de inovação lexical. Por outro lado, das suas observações sobre o desenvolvimento do conhecimento morfológico de crianças falantes nativas de Inglês, Eve Clark conclui que os sufixos são adquiridos mais cedo do que os prefixos (cf. Clark 1998: 374) e que a composição é dominada mais cedo do que a derivação, o que reforça a importância da produtividade dos mecanismos morfológicos na maturação do conhecimento da criança (cf. Clark 1998: 380ss).

Além disso, assinala Clark, quando a criança começa a experimentar a derivação, explora tipicamente a opção pela derivação zero, isto é, toma como forma de base uma palavra (e não um radical, mesmo quando o sufixo o exige) e não faz qualquer alteração a essa base (cf. Clark 1998: 386). Aqui se descortina a importância da simplicidade e da transparência das formas. De resto, parece ser a transparência a determinar a opção da criança por um sufixo em particular, quando existem na gramática do adulto vários outros sufixos.

A par dos contributos de Eve Clark, começam a surgir outros trabalhos sobre aquisição que dão particular destaque à morfologia. É o caso das pesquisas de Harald Clahsen, por exemplo, que, para além da flexão nominal do Alemão, estudou a flexão verbal do Espanhol (cf. Clahsen e Rothweiler 1993, Clahsen *et al.* 2001), ou de Steven Pinker, que se dedica sobretudo à análise das diferenças existentes entre a regularidade e a irregularidade flexionais em várias línguas, isto é, ao estatuto das regras da gramática (cf. Pinker 1998).

Note-se ainda que a investigação neurolinguística, na qual também participam Clahsen e Pinker, tem dado especial relevância à informação de natureza morfológica. E os dados do estudo do processamento e da representação mental podem, naturalmente, ser fortes aliados do estudo da aquisição (sendo essa aliança, aliás, um dos grandes desafios do século XXI). No entanto, as conclusões apresentadas nos trabalhos acima mencionados são, por agora, apenas válidas para as línguas estudadas, ficando por averiguar a sua validade para o PE e, em termos mais gerais, a sua universalidade.

5. Perguntas à procura de resposta

O investigador da aquisição da morfologia do Português Europeu (PE) pode optar entre dois objectos de estudo principais: o conhecimento dos processos de formação de novas palavras e o conhecimento da estrutura interna das palavras existentes. Segundo a Morfologia X-Barra, i.e., a aplicação dos princípios gerais da Teoria X-Barra ao conhecimento das estruturas morfológicas (cf. Villalva 2000: 57-79), as tarefas de produção e compreensão do conhecimento morfológico em PE envolvem, para além do conhecimento da estrutura básica das palavras, três mecanismos principais, a saber: a flexão (cf. Mateus *et aliae* 2003: 926-38), a afixação (cf. Mateus *et aliae* 2003: 939-67) e a composição (cf. Mateus *et aliae* 2003: 968-83). Em cada um destes domínios várias questões estão por colocar. Aqui se formulam algumas delas.

5.1. Estrutura básica das palavras

Como são analisadas as palavras simples ao longo do processo de aquisição do PE?

Será possível estabelecer uma escala de aquisição da estrutura interna das palavras simples? Em particular, em que medida é a aquisição da estrutura interna dos nomes e adjectivos diferente da aquisição da estrutura interna das formas verbais? Quando é que há evidência da distinção entre um radical nominal ou adjectival e um radical verbal?

Como se processa a aquisição do índice temático no PE?

Entre os constituintes internos das palavras nominais simples, interessaria averiguar se o índice temático é, em alguma fase da aquisição, analisado como um sufixo de flexão em género. Dando-se o caso de, nalgum momento, *-a* e *-o* serem analisados como sufixo de género feminino e sufixo de género masculino, respectivamente, como é que é analisado o outro índice temático, *-e*? E, nesse contexto, que género atribui a criança aos nomes de tema \emptyset , como *mar*, e atemáticos, como *atum*?

Como se processa a aquisição da vogal temática no PE?

Quando é que há evidência do conhecimento das vogais temáticas? Qual é a vogal temática adquirida em primeiro lugar? Haverá desde as primeiras produções de formas verbais evidência de três vogais temáticas distintas? Como é que se adquire a distinção entre a primeira conjugação, por um lado, e a segunda e terceira conjugações, por outro? E de que forma se relaciona o conhecimento dessas vogais com a flexão verbal?

5.2. Formação de novas palavras

Qual a escala de aquisição dos mecanismos de formação de novas palavras do PE?

Haverá evidência do uso de um ou mais mecanismos morfológicos de inovação lexical do PE nas primeiras produções das crianças? Ou dar-se-á o caso de as ferramentas morfológicas de inovação lexical serem adquiridas apenas nas últimas etapas da aquisição linguística? A haver um mecanismo que seja predominante nos primeiros anos de vida, qual é ele? Será esse mecanismo aplicado segundo as mesmas restrições da gramática do adulto? Haverá variação nessa aplicação ao longo do processo de aquisição? Qual é o mecanismo de inovação adquirido em último lugar? A ser a composição, poderá relacionar-se esse facto com a diversidade prosódica das formas (cf. Vigário 2000)? A ser a flexão, poderá isso ter a ver com o facto de se tratar, segundo Couto (2000), do processo morfológico menos transparente?

5.3. Flexão

Qual a escala de aquisição dos diferentes tipos de flexão (nominal, adjectival e verbal) do PE?

Quais são os constituintes morfológicos flexionais nominais e adjectivais, por um lado, e verbais, por outro, que a criança adquire em primeiro lugar? Será que o sistema flexional adquirido mais tarde é o verbal, confirmando-se que o conhecimento dos elementos linguísticos de natureza funcional, i.e., dos constituintes com menor grau de transparência do significado, é mais tardio? Haverá diferença entre o conhecimento da flexão dos adjectivos e dos nomes?

Qual o grau e o tipo de proeminência dos sufixos flexionais na aquisição do PE?

De acordo com a investigação de Freitas, Miguel e Faria (2001), a informação morfológica interfere na aquisição da estrutura silábica. Com efeito, verificou-se que as crianças observadas revelaram o conhecimento da fricativa em posição de coda, antes de terem adquirido esta posição da estrutura interna da sílaba, quando se tratava do afixo de flexão nominal de número plural, *-s*. Será a proeminência do estatuto morfológico exclusiva deste sufixo no sistema de flexão nominal e adjectival ou haverá evidências do mesmo fenómeno no sistema verbal? Haverá outro(s) sufixo(s) a revelar igual ou maior proeminência? Poderão os dados das crianças ajudar a perceber se se trata de proeminência morfológica ou de proeminência sintáctica?

Como é adquirida a flexão nominal e adjectival em número em PE?

Haverá nas primeiras palavras produzidas evidências de diferentes sistemas de flexão, um regular (adjunção do sufixo *-s*) e outro(s) irregular(es)? Será a flexão regular aplicada, não só aos nomes e adjectivos de índice temático *-a*, *-o* e *-e*, mas a outros nomes e adjectivos, por regularização analógica? Qual a progressão no conhecimento da flexão dos nomes e adjectivos que, na gramática do adulto, não estão sujeitos à flexão regular, em particular os nomes de tema \emptyset de género invariável (como *furiel/furiéis*, *variz/varizes*, *mártir/mártires*) e os nomes e adjectivos atemáticos (como *mão/mãos*, *subão/sabões*, *pão/pães*,

são/sãos, sã/sãs)? Produzirão as crianças formas alternativas às da gramática do adulto? Se sim, quais?

Como é que se manifesta o conhecimento dos nomes defectivos em número como *calças* (que não tem forma singular) ou *férias* (cuja forma singular correspondente tem um significado diferente)? E as palavras complexas (compostas ou derivadas), serão flexionadas da mesma forma que as simples ou não? Que propriedades flexionais atribuem as crianças aos compostos morfo-sintácticos?

Como é adquirido o sistema de flexão verbal do PE?

Haverá evidências de diferentes sistemas de flexão, como em Clahsen e Rothweiler (1993), i.e., um sistema de flexão regular e outro de flexão irregular (cf. Pinker 1998)? Será o mecanismo de flexão regular igual ao da gramática do adulto? Podem estabelecer-se etapas de desenvolvimento com base nas evidências de regularização analógica e de lexicalização das irregularidades? Qual a escala de aquisição dos sufixos de tempo e modo verbal? E a dos sufixos de pessoa e número? A relação de precedência entre estes dois tipos de sufixos existente em alguns paradigmas da flexão verbal tem influência na ordem da sua aquisição?

Colocarão as formas nominais do verbo dificuldade acrescida por integrarem paradigmas defectivos em pessoa e em número? E, tendo em conta a diversidade de factores envolvidos no uso das formas de participio passado dos verbos abundantes (cf. Villalva 2002), será a aquisição do participio passado a mais tardia?

Como é que se processa a aquisição das amálgamas da flexão verbal do PE?

Será que, em algum momento da aquisição, as amálgamas de tempo-modo-aspecto e pessoa-número do presente (como *-o, -s, -mos, -m*) e do pretérito perfeito (como *-i, -ste, -u, -stes, -ram*) do indicativo são usadas noutros paradigmas flexionais verbais?

Como é articulado o conhecimento do sistema pronominal e o da flexão verbal em PE?

Tendo em conta a intuição de Cazden (1973), e os dados de Duarte, Matos e Faria (1995), segundo os quais as crianças revelam tendência sistemática para a ênclise (mesmo na presença de desencadeadores de próclise) e preferência pela adjunção do clítico à forma verbal flexionada, haverá algum momento da aquisição em que se possa considerar que os clíticos estão a ser tratados como sufixos flexionais? Como é que são adquiridas as formas verbais onde ocorre mesóclise, i.e., o futuro do indicativo e o condicional?

5.4. Afixação

Qual a escala de aquisição dos mecanismos de afixação do PE?

A aquisição da sufixação será anterior ou posterior à da prefixação? E a aquisição da derivação, será anterior ou posterior à da modificação? Quais os limites para a aplicação recursiva da sufixação e da prefixação? Serão muito diferentes? Estarão esses limites dependentes de se tratar de operações de derivação ou de modificação? Será possível estabelecer uma escala de desenvolvimento com base nesses limites?

Como se processa a aquisição da prefixação em PE?

Quais são os primeiros prefixos que a criança produz? Tratar-se-á de prefixos derivacionais ou modificadores? Serão prefixos com acento próprio ou sem acento? Serão usados de acordo com as restrições da gramática do adulto, em particular no que diz respeito às suas propriedades de subcategorização? Pode registrar-se alguma variação no uso dos prefixos ao longo da aquisição?

Como se processa a aquisição da sufixação em PE?

Quais são os primeiros sufixos que a criança utiliza? Tratar-se-á de sufixos derivacionais ou modificadores? Serão usados de acordo com as restrições da gramática do adulto, em particular no que diz respeito às suas propriedades de subcategorização? Pode registrar-se alguma variação no uso dos sufixos ao longo da aquisição? Tendo em conta dos dados de Anisfeld e Tucker (1973), será que os sufixos que sofrem alomorfia, como *-al/-ar*, são adquiridos mais tarde do que os outros?

Qual a escala de aquisição da derivação em PE?

Haverá uma idade crítica para a aquisição dos afixos derivacionais? Será a produtividade de um afixo derivacional nas produções do adulto determinante para a sua aquisição? Poder-se-á relacionar a morosidade da emergência da exploração derivacional com a natureza estrutural do processo (predicação), e opô-la à flexão e à modificação (onde operam relações de especificação e adjunção) (cf. Villalva 2000: 253-70, 308-10)?

Haverá evidência da influência das restrições de selecção dos afixos derivacionais na emergência da sua aquisição? E será essa influência diferente consoante se trate de restrições morfológicas, sintácticas ou semânticas? O conhecimento da derivação com um afixo cujo complemento é um radical exige um nível de dificuldade diferente (seja maior ou menor) do conhecimento da derivação com um afixo cujo complemento é um tema ou uma palavra? Há dificuldades no conhecimento dos processos de derivação deverbal e na identificação de derivados deverbais que possam ser relacionadas com a existência de três temas verbais? Procurando esclarecer a problemática abordada por Clark (1982), haverá alguma relação entre a aquisição de sufixos de derivação verbal e a aquisição da forma perifrástica correspondente?

Quando confrontados com sufixos derivacionais concorrentes, qual é a preferência da criança e em que critérios se baseia? Por exemplo, quais são os sufixos de nominalização deverbal preferidos para denominar profissões: *-dor/-dora* ou *-eírol/-eira*?³

Qual o grau de transparência de formas derivadas por parassíntese ou conversão?

Como se processa a aquisição da modificação morfológica em PE?

Várias pesquisas revelaram que o prefixo *des-* é um dos primeiros (senão o primeiro) a ser utilizado em processos de modificação morfológica por crianças falantes de Português Brasileiro (cf. Costa 1976, Figueira 1977, Mediano 1976 *apud* Clark 1993: 234). E

³ Cf. dados da gramática do adulto em Villalva e Correia 2000: 696ss.

sabe-se que a modificação morfológica no PE integra dois processos extremamente produtivos na gramática do adulto, a saber: o de formação de diminutivos (com *-inho* ou *-zinho*) e a prefixação de negação (com *des-*) (cf. Villalva 2003: 956-65). Serão estes os afixos modificadores adquiridos mais cedo?

Haverá ao longo do processo de aquisição uma variação no afixo modificador preferido? Que relação se pode estabelecer entre a frequência dos afixos nas produções dos adultos e o uso dos afixos por parte da criança? Em que informação se baseia a aquisição dos afixos modificadores em PE? Entre um prefixo e um afixo concorrentes, como *mini-* e *-inho* ou *super-* e *-ão*, qual é o afixo preferido pelas crianças?

Como é que as crianças usam os sufixos z-avaliativos? Que relação se pode estabelecer entre a distribuição preferencial dos avaliativos e o número de sílabas da base?

Como é que as crianças produzem e compreendem os afixos geralmente tidos como avaliativos, como *-ebre* (*casa/casebre*) ou *-iço* (*aranha/aranhiço*), e que na verdade são afixos derivacionais?

5.5. Composição

Como se processa a aquisição da composição morfológica?

Quando é que a criança manifesta o conhecimento da distinção entre compostos de estruturas de coordenação e estruturas de modificação? E qual destes é adquirido mais cedo? Tendo em conta a caracterização de Villalva (1995: 595-6) e os dados de Clahsen e Rothweiler (1993), será que a configuração exocêntrica dos compostos coordenados facilita a sua aquisição? Ou será que a ambiguidade semântica dos compostos coordenados dificulta a sua aquisição? E poderá estabelecer-se alguma relação entre o conhecimento dos compostos com estruturas de modificação e o conhecimento dos afixos modificadores? A haver uma discrepância entre a aquisição de uns e outros compostos, poder-se-á relacionar esse facto com a diferença na estrutura interna da palavra (não binária vs. binária, respectivamente)? Como são flexionados em número plural os dois tipos de compostos morfológicos?

Qual o conhecimento envolvido na aquisição da composição morfo-sintáctica em PE?

Será a categoria dos constituintes (se a estrutura integra [V+N], [V+Adv], [N+N] ou [Adj+Adj]) ou a relação estrutural existente entre eles (adjunção ou conjunção) relevante para o domínio do mecanismo de composição morfo-sintáctica?

Referências

- Anisfeld, M. & R. Tucker (1973) English pluralization rules of six-year-old children. In Ferguson & Slobin (eds.) (1973), pp. 211-226.
- Bogoyavlenskiy, D. N. (1973) The Acquisition of Russian Inflections. In Ferguson & Slobin (eds.) (1973), pp. 284-292.

- Borer, H. (1995) Functional Projections: at the Interfaces of Acquisition, Morphology and Syntax. In Matos, Gabriela, Matilde Miguel, Inês Duarte & Isabel Hub Faria (eds.) *Interfaces in Linguistic Theory – selected papers from the International Conference on Interfaces in Linguistics, Porto, November 13-17, 1995*, 1-37. Lisboa: APL, Colibri.
- Cazden, C. B. (1973) The acquisition of noun and verb inflections. In Ferguson & Slobin (eds.) (1973) pp. 226-240.
- Clahsen, H. & M. Rothweiler (1993) Inflectional rules in children's grammars: evidence from the development of participles in German. *Yearbook of Morphology 1992*. pp. 1-34.
- ___ et al. (2001) The development of regular and irregular verb inflection in Spanish child language. *Journal of Child Language*. 29, pp. 591-622.
- Clark, E. V. (1981) Lexical innovations: how children learn to create new words. In Deutsch, Werner (ed.) *The child's construction of language*. Londres: Academic Press, pp. 299-328.
- ___ (1982) The young word-maker: a case study of innovation in the child's lexicon. In Wanner, Eric & Lila Gleitman (eds.) *Language acquisition: the state of the art*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 390-425.
- ___ (1985) The acquisition of Romance, with special reference to French. In Slobin, Dan I. (ed.) *The crosslinguistic study of language acquisition*. vol. I. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, pp. 687-782.
- ___ (1993) *The Lexicon in Acquisition*. Cambridge, Melbourne: Cambridge University Press.
- ___ (1995) Later lexical development and word formation. In Fletcher, Paul & Brian MacWhinney (eds.) *The Handbook of Child Language*. Oxford, Cambridge: Blackwell, pp. 393-412.
- ___ (1998) Morphology in Language Acquisition. In Spencer & Zwicky (1998), pp. 374-389.
- Couto, H. H. do (2000) A reduplicação nos crioulos portugueses. In Andrade, Ernesto d', Dulce Pereira & Maria Antónia Mota (orgs.) *Crioulos de Base Portuguesa. Actas do Workshop sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa*. Lisboa: APL, pp. 61-80.
- Crain, S. Crain & R. Thornton (1998) Investigations in Universal Grammar – A Guide to Experiments on the Acquisition of Syntax and Semantics. *Language, Speech and Communication*. Cambridge, Londres: The MIT Press.
- Demuth, K. (2001) Prosodic constraints on morphological development. In Weissenborn & Höhle (eds.) (2001), pp. 3-21.
- Duarte, I., G. Matos, & I. Faria (1995) Specificity of european portuguese clitics in romance. In Faria e Freitas (eds.) (1995), pp. 129-154.
- Faria, I. (1996) *Corpus de Aquisição do Português Europeu: A Primeira Fase*. In Bacelar do Nascimento, M., M: C. Rodrigues & José B. Gonçalves (orgs.) *Actas do XI Encontro Nacional da APL. Vol. I – Corpora*. Lisboa: Colibri, pp. 165-171.
- ___ e H. J. Batoréo (1994) *Corpus de Aquisição do Português Europeu: Bases de Dados CHILDES*. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*. 11, pp. 137-145.
- ___ e M. J. Freitas (eds.) (1995) *Studies on the Acquisition of Portuguese*. Lisboa: Colibri, APL.

- Ferguson, C. A. e D. I. Slobin (eds.) (1973) *Studies of Child Language Development*. Nova Iorque, Chicago, São Francisco, Atlanta, Dallas, Montreal, Toronto, Londres. Sidney: Holt, Rinehart and Winston, Inc.
- Fikkert, P. (2001) Compounds triggering prosodic development. In Weissenborn & Höhle (eds.) (2001), pp. 59-85.
- Fletcher, P. & B. MacWhinney (eds.) (1995) *The Handbook of Child Language*. Oxford, Cambridge: Blackwell.
- Freitas, M. J., M. Miguel & I. Faria (2001) Interaction between Prosody and Morphosyntax – Plurals within codas in the acquisition of European Portuguese. In Weissenborn & Höhle (eds.), pp. 45-57.
- Goodluck, H. (1991) Morphological development and innovation. In *Language Acquisition – a linguistic introduction*. Oxford, Cambridge: Blackwell, pp. 45-60.
- Guasti, M. T. (2002) *Language Acquisition – The growth of grammar*. Cambridge, Massachusetts, Londres: The MIT Press.
- Hooper, J. (1979) Substantive Principles in Natural Generative Phonology. Tradução portuguesa de Luís Filipe Barbeiro. In Mateus, M. H. M. & Alina Villalva (orgs.) *Novas Perspectivas em Fonologia*. Lisboa: Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras de Lisboa, 1985, pp. 229-267.
- Mateus, M. H. M., A. M. Brito, I. Duarte, I. Faria, S. Frota, G. Matos, F. Oliveira, M. Vigário & A. Villalva (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- McDaniell, D., C. McKee & H. S. Cairns (eds.) (1998) *Methods for Assessing Children's Syntax*. Cambridge, Massachusetts, Londres: The MIT Press.
- Pinker, S. (1998) Words and Rules. *Lingua* 106, pp. 219-242.
- Revista Internacional de Língua Portuguesa* 11. Dezembro 1993. (Tema: A Criança e a Linguagem.)
- Rūke-Draviņa, V. (1973) On the Emergence of Inflection in Child Language: A Contribution Based on Latvian Speech Data. In Ferguson & Slobin (eds.) (1973), pp. 252-267.
- Spencer, A. & A. M. Zwicky (eds.) (1998) *The Handbook of Morphology*. Oxford, Cambridge: Blackwell.
- Vigário, M. (2000) Palavra Prosódica e Composição no Português Europeu. In *Actas do XV Encontro da APL – Vol.2*, pp. 583-602.
- Villalva, A. (1995) Configurações Não-Binárias em Morfologia. In *Actas do X Encontro Nacional da APL*, pp. 583-97.
- ___ (2000) *Estruturas Morfológicas. Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Ministério da Ciência e Tecnologia.
- ___ (2002) Sobre os participios dos verbos abundantes. Ms.
- ___ e C. N. Correia (2000) Morfologia e Semântica dos Nomes-Sujeito. In *Actas do XV Encontro da APL – Vol. 2*, pp. 603-33.
- Weissenborn, J. e B. Höhle (eds.) (2001) *Approaches to Bootstrapping – Phonological, lexical, syntactic and neurophysiological aspects of early language acquisition, Volume 2*. Amsterdão, Filadélfia: John Benjamins Publishing Company. (col. Language Acquisition and Language Disorders/ 24)